O REISADO CIGANO DE SENHORA SANT'ANA COMO PRÁTICA TRADICIONAL QUE RESISTE À (DES)ORDEM GLOBAL

Enira Roberth Maia de Castro Lima
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0009-0001-4113-4545
Endereço eletrônico: eniraroberth@gmail.com

Marcello Moreira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6827-2772
Endereço eletrônico: moreira.marcello@gmail.com

Palavras-chave: Reisado Feminino; Reisado Cigano; Memória coletiva; Resistência Cultural.

INTRODUÇÃO

Há, em uma pequena cidade do interior da Bahia, denominada Piripá, a prática de, entre os dias vinte e quatro de dezembro e seis de janeiro, se visitar, em grupo, as casas dos paroquianos para dançar e cantar em louvor ao Menino Jesus e à sua avó, Senhora Sant'Ana, com o fito de arrecadar fundos para a paróquia, devotada à santa. Esse é o Reisado Cigano de Nossa Senhora Sant'Ana, objeto dessa pesquisa, o qual apresenta características peculiares, que despertam curiosidade em relação à sua origem. Diferente da maioria dos reisados da região, em que o protagonismo é masculino, a prática observada é protagonizada por mulheres, as reiseiras, que não apenas adotam a indumentária, mas se reconhecem e se autointitulam "ciganas". Nota-se, assim, uma contradição, visto que a figura do povo cigano é frequentemente atribuída ao misticismo e ao paganismo, segundo os referenciais simbólicos do catolicismo.

No cenário da Nova (des)ordem global, esta prática deixa de ser apenas uma manifestação folclórica para se situar como uma trincheira contra o "autoritarismo do esquecimento" típico do século XXI. Ao manterem a tradição oral e a performance rítmica, as reiseiras e músicos remontam constantemente a uma identidade que se recusa ser dissolvida

pela homogeneização capitalista. Ademais, a identificação das participantes como "ciganas" em um rito católico dedicado à Senhora Sant'Ana constitui uma subversão performática poderosa e indica uma estratégia de sobrevivência simbólica de uma etnia historicamente marginalizada. Assim, o presente trabalho se propõe analisar uma dupla resistência: a da prática tradicional frente à homogeneização capitalista e a de uma etnia que se vincula a uma tradição hegemônica para reexistir.

METODOLOGIA

A presente pesquisa possuiu caráter qualitativo, de natureza bibliográfica. Fundamenta-se na análise do Reisado Cigano de Nossa Senhora Sant'Ana, realizado na cidade de Piripá, Bahia, enquanto manifestação de memória coletiva, resistência cultural e construção identitária. Para isso, utilizaram-se referenciais teóricos voltados aos estudos culturais, da memória e da modernidade, com destaque para Stuart Hall (2000), Anthony Giddens (1990), Maurice Halbwachs (2006) e Michael Pollak (1989), buscando compreender os processos de ressignificação identitária, permanência simbólica e hibridismo cultural presentes na prática. A pesquisa baseou-se na revisão bibliográfica e na análise interpretativa da manifestação cultural, considerando seus elementos históricos, simbólicos e performáticos. Também foram analisados aspectos estéticos e rituais do reisado – como os cantos, as indumentárias e os símbolos associados ao imaginário cigano – com o objetivo de compreender de que maneira tais elementos contribuíram para a preservação da tradição e para a construção de sentidos de pertencimento e continuidade cultural frente às dinâmicas homogeneizantes da contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No contexto contemporâneo, nota-se um processo de homogeneização de práticas impulsionado pela globalização e intensificado pelo *boom* das redes sociais. As identidades passam a se imbricar e a se padronizar, produzindo jovens que, ainda que estejam em cidades, estados ou países diferentes, vestem-se de maneira semelhante, ouvem as mesmas músicas, reproduzem as mesmas gírias e performam os mesmos estilos de vida. Nesse contexto, o regionalismo vê-se ameaçado por esse 'rolo compressor' capitalista, uma vez que a globalização opera articulada às lógicas de consumo, nas quais influenciadores transformam

comportamentos e identidades em mercadoria. O Reisado Cigano e Católico de Piripá insere-se nessa discussão como espaço de resistência cultural, pois, como observa Stuart Hall (2000), momentos de deslocamento e fragmentação identitária também produzem processos de recomposição das identidades e de criação de novos sujeitos e novas formas de articulação cultural. Tal dinâmica torna-se compreensível ao considerar que se trata de uma prática que surgiu no começo do século XX, foi atravessada por diferentes gerações e, portanto, foi constantemente reformulada ao longo do tempo. É possível que, em cada época, tenha existido um reisado diferente, marcado pelas experiências e escolhas de seus participantes, sem que fossem perdidas suas características principais. A discussão é enriquecida pelo pensamento de Giddens (1990) o qual compreende essas transformações como resultado do 'desalojamento do sistema social', marcado pelas mudanças nas relações de tempo e espaço da modernidade. Assim, embora a prática também sofra ressignificações diante da contemporaneidade, preserva elementos fundamentais de pertencimento e memória coletiva, atualizando-se sem romper completamente com suas tradições.

Com base em Halbwachs (2006), nota-se que a manutenção do Reisado de Senhora Sant'Ana está fortemente associada à memória coletiva compartilhada pelo grupo de reiseiras – mulheres idosas, responsáveis pela transmissão das narrativas, cantos e símbolos. Diferentemente das gerações mais jovens, atravessadas pelas dinâmicas digitais e pelas lógicas de consumo das redes sociais, essas mantêm uma relação mais direta com os referenciais comunitários e os saberes tradicionais. Entretanto, essa preservação ocorre em meio a sobrecargas sociais e de gênero, já que muitas ainda conciliam o trabalho formal com os afazeres domésticos, historicamente atribuídos às mulheres, sobretudo em contextos interioranos. Mesmo diante dessas transformações e tensões sociais, a prática continua sendo sustentada coletivamente pelas reiseiras e pela comunidade, o que faz do reisado não apenas uma manifestação cultural, mas também um espaço de memória e continuidade social. Nessa perspectiva, Halbwachs compreende que a memória coletiva não permanece fixa, pois os próprios grupos sociais se transformam ao longo do tempo, incorporando novos sujeitos e referências sem romper totalmente com suas tradições. Desse modo, o Reisado Cigano de Piripá evidencia um movimento simultâneo de preservação e renovação, aspecto que dialoga com a reflexão de Halbwachs ao afirmar que os grupos:

> […] se transformam, segmentam-se, se bem que mesmo que permaneçamos

> no lugar, que não saiamos de um grupo, acontece que pela renovação lenta ou rápida de seus membros, toma-se realmente um outro grupo que tem senão poucas tradições comuns com aqueles que o constituíam no início. [...] Certamente, esses grupos mais recentes são às vezes apenas subdivisões de uma sociedade que se ampliou, ramificou, sobre a qual conjuntos novos vieram se enxertar. [...] (Halbwachs, 1990. p 59)

Outro aspecto relevante do objeto desse trabalho diz respeito às indumentárias utilizadas pelas reiseiras católicas, marcadas por elementos estéticos associados ao imaginário cigano, historicamente forte na região de Piripá e em cidades vizinhas. Saias rodadas, brilho, tecidos coloridos e adornos parecem apontar para um processo de hibridismo étnico-religioso, no qual referências culturais distintas se entrelaçam e produzem novas formas de expressão identitária. Embora ainda não haja indícios de uma participação consciente ou direta do povo cigano nessa construção estética, a permanência desses traços sugere a existência de memórias culturais incorporadas ao cotidiano local ao longo do tempo. Tal fenômeno dialoga com Michael Pollak (1989), ao compreender a memória como um campo atravessado por disputas, silenciamentos e reconstruções simbólicas, no qual determinados elementos culturais permanecem mesmo quando seus sujeitos originários são invisibilizados. Assim, o Reisado Cigano de Piripá evidencia não apenas uma resistência cultural frente à homogeneização contemporânea, mas também a sobrevivência simbólica de influências historicamente marginalizadas, ainda presentes no imaginário coletivo regional.

CONCLUSÕES

Até o presente momento da pesquisa, o Reisado Cigano de Nossa Senhora Sant'Ana tem se configurado como uma significativa manifestação de resistência cultural e preservação da memória coletiva em um contexto contemporâneo marcado pelos processos de homogeneização identitária decorrentes da globalização e das lógicas de consumo. A prática evidencia a permanência de tradições populares que, embora atravessadas por constantes ressignificações históricas, preservam elementos fundamentais de pertencimento comunitário, religiosidade e continuidade simbólica. Ademais, a presença de referências vinculadas ao imaginário cigano nas indumentárias e na identidade assumida pelas reiseiras aponta para processos de hibridismo cultural ainda não plenamente compreendidos, revelando permanências simbólicas que resistem ao apagamento histórico de grupos marginalizados. Contudo, a investigação ainda se encontra em desenvolvimento, e questões relativas à

possível participação de sujeitos ciganos na formação histórica do reisado e à origem das influências ciganas incorporadas pela manifestação permanecem em aberto. Desse modo, os resultados parciais apontam para a necessidade de aprofundamento da pesquisa, especialmente no que se refere às relações entre memória, identidade e tradição popular no contexto sociocultural do interior baiano. Para tanto, em uma etapa posterior, pretende-se realizar trabalho de campo com entrevistas às reiseiras e aos músicos, além da análise de documentos oficiais e registros históricos do município, a fim de ampliar a compreensão acerca da constituição histórica e simbólica do Reisado Cigano de Nossa Senhora Sant'Ana.

REFERÊNCIAS

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991 (Original de 1990).

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice: Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Os quadros sociais da memória**. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba: antoniofontoura, 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Dp&A, 1999.

POLLAK, Michael. "Memória, Esquecimento, Silêncio". **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989